

ANO 1 - N. 1 — Lisboa, 28 de Fevereiro de 1926

Evaristo de Carvalho
Director, Editor e Proprietario

Preço
50 centavos

Panfleto politico
de publicação quinzenal

Administração e Oficinas
Trav. das Mercês, 31

Evaziato de Carvalho
Director, Editor e Proprietario

Preço

50 centavos

Partido politico
de publicação quinzenal

Administracão e Officinas
Trav. das Mercês, 31

Compra

4. SET. 2018

3.16F4

7

Evaristo de Carvalho

Director, Editor e Proprietario

A FLECHA

Pamflete Quinzenal

N.º 1



Compte

Evangelho de Carnvalho

Director, Editor e Proprietario

A FLECHA

Revista Quinzenal



N.º 1

ESTA GENTE, NÃO!...

A politica, não assentando numa base de intelligencia, de moral ou de sentimento; não tendo um ideal que a norteie, a dignifique e a enobreça, será, sempre, ou mesquinha ou odiosa, porque não será mais, então, do que a turva efervescencia de uma competição de bandos; o fragor de um choque de ambições e interesses pessoases: o xadrez de um jogo de truculencias e vindictas desvairadas; a vozeria uivada de uma refrega de appetites. E seguirá por dois caminhos:—o da violencia, da perseguição e do terror, que levará, fatalmente, inexoravelmente, ás inviás encruzilhadas onde o trabuco de João Brandão, raivosamente, espreita e aguarda;—ou o da imoralidade, da corrupção e do suborno, que directamente conduzirá ao descalabro financeiro do Estado e á ruina economica da Nação.

Com Sidonio Paes, a politica portugueza seguiu, alternada ou simultaneamente, pelos dois caminhos. Após Monsanto—hora de excepcional grandeza que se não soube aproveitar—foi pelo segundo que, infelizmente, enveredou...

E' certo que, num ou noutro caso, o triunfo de uma semelhante politica não poderá deixar de ser precario, contingente e efemero, porque somente perdura o que é são, legitimo e bom. Vivem numa falaz illusão que lhes sairá muito cara—fragil bóla de sabão que um golpe de vento, mais forte, amanhã, desfará — os *Gros Bonets*, os Principes., os Ricos-Homens e Infanções, os grandes Regedores da nossa politica, que não tenham, ainda, apreendido esta irrefregavel e suprema verdade.

A politica desencadeia paixões, mas só uma a serve bem, e, essa, é a que nasceu dentro de nós, generosa e alta, filha de nobres sentimentos e desprendida de interesses mesquinhos e vis. Essa, persistirá. Essa, triunfará.

Pode ser combatida. Pode ser perseguida. Pode ser, mesmo, num determinado momento, calcada, vencida, esmagada. Pode.

Mas acautelem-se e tremam os vencedores, porque, ela, mais tarde, ressurgirá, como a Fénix ressurgiu das proprias cinzas. E ha-de vir, então, mais impetuosa, mais viva, mais ardente.

Comprimiram-na?! Explodirá! E, então, a sua chama ha-de arder e subir, como a labareda de uma granada que, ao rebentar as duras paredes de aço onde viveu encerrada, de relampagos e fulgores encheu o espaço, nele espalhando a rubra cabeleira deslumbrante.

O seu poder de ação e de contagio tornar-se ha formidavel, avassalador, irresistivel! A sua voz vibrará poderosamente, magnéticamente! Será igual á voz, que saiu da boca dos Apostolos! Será como a voz de Pedro-o-Ermita, arrastando, fascinadas, atraz de si, as Cruzadas! Será a voz de *Mirabeau*, fulgurando em apostrofes, e a de *Danton*, atravessando a França e o mundo, como a claridade de uma aurora nova!...

.

Foi com uma paixão assim, alta e pura, a enchern-os, por completo, o coração, que fomos para a madrugada heroica do 31 de Janeiro. Foi com essa mesma paixão, que fomos para o 5 de Outubro. E foi á luz e ao calor da sua chama, que fizemos toda a brilhante campanha da nossa propaganda republicana.

Relembro, hoje, com uma infinita saudade, o ardor e os lances desse periodo aureo das nossas luctas politicas. Que soberbas e inesqueciveis horas de sinceridade, de emoção, de valentia e impeto! Batiamo-nos por um Ideal que nos abraçava e nem, sequer, volta vamos os olhos para traz, para o Terreiro do Paço, de onde nos acenavam com promessas e favores. Davamo-nos inteiramente, religiosamente, á nossa absorvente paixão, só por ela e para ela vivendo, e eramos alcunhados de loucos e visionarios pelas chamadas pessoas de bem, amigas da Lei e amigas da Ordem que, mais tarde, nossos pasmadissimos olhos ainda haviam de ver respirando e transpirando Republica por todos os póros e, nas furias de um louco entusiasmo, a empurrar-nos e a calcar-nos — jacobinissimas, exaltadas, vermelhas, apopléticas! . . .

..
Não farei bem, talvez, em recordar as horas vibrantes da Propaganda. Recordar, é viver. Mas é tambem, comparar. E, automaticamente, pela invencivel e superior logica das coisas, somos forçados a colocar as horas de hontem, em presença das horas de hoje, no mesmo plano, sob a mesma luz. Verificamos, então—muito triste é dize-lo!—que nem as palavras, nem os actos, nem os proprios homens são, já, os mesmos! Tudo mudou! Até o proprio ar que se respira mudou! O que hontem, era branco, é, hoje, prêto! Onde, hontem, havia convicção, sinceridade, idealismo, ha, hoje, calculo, hipocrisia e interesse. Tudo mudou! . . .

A paixão politica, dentro da Republica, já não é infeliz-

mente, aquella paixão ardorosa e combativa, mas idealista e pura, cuja chama, subindo alto, iluminou as horas da Propaganda e ainda, nos inundou, de luz os olhos e, de orgulho, o coração, nos primeiros anos que decorreram sobre o 5 de Outubro. Essa paixão morreu. Essa luz, apagou-se. E, na meia sombra que, a seguir, se fez, ergueu-se, como onda de lama, uma insofrida uma indecorosa, uma criminosa ansia de galgar aos altos postos, de escalar e invadir os Conselhos de Administração, de enriquecer á custa do Estado ou á sua Sombra, de governar e de gosar a vida, por qualquer preço! Politica e negocio confundiram-se! Negocio e crime, por vezes, irmanaram-se! E a onde cresce, continuamente! Continuamente, alarga e espraia seu sujo dorso! O que faltará, ainda, para ela subverter e afogar?!...

.

A nossa politica, é hoje, um grande arraial, com balcões e tavolagens, por toda a parte. Por toda a parte, se compra e vende e, por toda a parte, se joga. A mercadoria mais cotada, a mais cobiçada, a mais disputada, é o inconsciente voto do aldeão, a influencia eleitoral do cacique provinciano. E os jogos mais em voga são: o jogo da incompetencia, o jogo da ignorancia atrevida e louca, o jogo da ambicão grotesca, o jogo do videirismo trepador, o jogo das deslealdades e traições, e sobretudo, o jogo do azul e branco. Este joga-se, mesmo, desenfreadamente, freneticamente, com uma especie de voluptuosidade epilética!...

Em volta do pano verde desta politica, sinistra e comica ao mesmo tempo, amontoa-se uma grande multidão, formada de charlatães e traficantes, de gente sem fé nem lei, vinda de todos os pontos cardeaes e falando uma algaravia que nem os nossos ouvidos republicanos nem o nosso republicano coração entendem. E essa gente fala alto, agita-se, tumultua...

Ao cimo do arraial, lá no alto, desfralda-se uma bandei-

ra. E' uma bandeira sagrada—verde e vermelha. Verde—a côr do mar, do mar que é no so, porque, eternamente, guardará a memoria da audacia e do heroismo da nossa gente. Vermelha—a côr heroica, febril e crepitante do sangue que jorrou, nas épicas batalhas com que enchemos a Historia. E' a bandeira da Republica! E' a nossa bandeira—a bandeira que, na madrugada sonhadora e ingenua do 31 de Janeiro, galhardamente, no Porto, afrontou as balas da Guarda Municipal, e, no 5 de Outubro, nimbada do glorioso esplendor de todos os heroismos, como angélica noiva imaculada, recebeu o ósculo acariciador do triunfo magnifico!...

Em volta dela, porem, comprime se, agora, uma densa multidão espuria. Gente desconhecida. Gente inferior. Gente suspeita. Gente de má cara. Traficantes e jogadores que saíram das tendas e das tavolagens do arraial e subiram, em correria, até ao alto. Esta gente cerca a nossa bandeira e, á sua volta, desmanchada de gestos, impudica e delirante, canta uma canção obscena de triunfo!...

Não podemos suportar este vergonhoso espectáculo que nos enerva, que nos irrita.

E irrita-nos e enerva-nos, porquê?

Porque não é o triunfo da Republica o triunfo que essa gente, na sua canção obscena, na sua algaravia exotica, tão ruidosamente celebra Pelo contrario. Essa desconhecida gente que tanto, agora, se meche e tanto grita, não ama nem sente a Republica. E tendo-a, como na realidade tem, na mão, bastará que a aperte, um pouco mais, entre os dedos, para a moldar e afeiçoar, por completo, ás suas ideias, aos seus interesses, aos seus caprichos e ambições. Fieiríamos, então, com uma Republica—e não sei, com franqueza, se a não teremos já que seria uma autentica e perfeita mistificação com todos os defeitos, com todos os vicios, com todas as chagas da monarquia que derrubámos! Sim, porque essa gente

de hoje que, com alardes e gritos, examina em volta da nossa gloriosa bandeira, é a mesma gente de hontem, a mesmissima gente inferior, indecorosa e ignobil, somente guindada, agora, a melhores, mais altas, mais rendosas e mais estratégicas posições, mercê ou da crassa estupidez ou da cumplicidade criminosa de certos pavões da politica, a quem deveriamos cortar o rabo, florescente de galas e policromias, para os podermos ver taes quaes eles, na crua e triste realidade, são — miserandamente pequenos e vis! Sim, porque essa gente de hoje, é a mesmissima gente de hontem!

*

* * *

A Republica sofre as consequencias de um grande erro de inicio. Essas consequencias, de enormes proporções, só agora, as abrangemos e avaliamos bem.

Houve, não ha duvida, um grande erro de inicio. Esse erro foi a fundação prematura dos nossos partidos politicos.

Erro tremendo!...

Nós, os republicanos, após termos fundado a Republica, deviamos ter ficado unidos, como um só homem, para cavar a terra e encher as fundações e os alicerces, levantar as paredes e fechar as abobadas do nosso edificio politico. Infelizmente, não o fizémos. E fizémos, até, precisamente, o contrario: em vez de nos termos conservado unidos, separámo-nos e guerreámo-nos! Lançámo-nos, uns contra os outros, em ásperas, violentas, furiosas luctas. E para as sustentar, tivemos de acolher, no nosso compo, festivamente, todos os que nos appareciam, a oferecer serviços. A todos esses abrimos cordealmente os braços, sem curar da sua procedencia e sem lhes exigir certificado de registo criminal. Tudo servia e tudo serviu! Fizémos, assim, um péssimo, um infelicissimo recru-

tamento. Todos os velhos caciques da Monarquia, por essa Provincia fóra, os incorporámos nas nossas fileiras. E logo, lhes démos, para cumulo, a promoção. Fizemos mais: nós, cavaleiros do Ideal, que pelo Ideal heroicamente, nos tínhamos baticado, investimos essa gente, adoradora do Bezerro de Ouro, nos altos postos do nosso Comando! Entregámos-lhe a Republica! E, então, eles, foram, pelo paiz, sob a nossa proteção e á sombra da nossa bandeira, lançar as bases e os fundamentos de um largo predomínio eleitoral, predomínio que deixámos crear e rebustecer-se, com um character estritamente personalista. Esse predomínio, assim, não é, hoje, o predomínio eleitoral da Republica — é a influencia eleitoral do senhor A, a influencia eleitoral do senhor B e a influencia eleitoral do senhor C — de toda essa gente que, amanhã, será, novamente, contra nós, se vir o gordo Bezerro de Ouro desertar do nosso campo...

A primeira consequencia do facto e, talvez a mais grave de todas, foi a ausencia de espirito republicano, que começou a notar-se dentro do Parlamento. As Constituintes, de que a Republica bem pode orgulhar-se, foram uma notavel assembleia, de alta envergadura mental e de uma nobre e severa linha moral. Nelas não entrou quem quizesse. Muitissimos dos nossos actuaes grandes homens da politica — ministros, ex-ministros, senadores e deputados — apesar de mil esforços dispendidos, não conseguiram forçar as suas portas. Ainda não havia, organizados, como hoje, sindicatos eleitoraes. E eles ficaram de fóra...

Mas, a seguir ás Constituintes, o Parlamento vem, de legislatura para legislatura, continua e sucessivamente, a descer. E de tal forma vae já na escala das pavorosas inferioridades que, se um grande milagre se não faz e esta marcha se não detem, não sabemos, francamente, até onde possa baixar. Ha

factos que excedem todos os limites da imaginação, por mais fecunda, arrojada, caprichosa e fantastica que ela seja...

Se o milagre se não faz e, as coisas com o freio nos dentes, continuam na vertiginosa e desordenada carreira em que vão, bem poderá o sr. Nunes Loureiro, num repelão de coragem, saltar-lhes á frente, que não conseguirá detê-las. E bem poderá, tambem, soprar e atijar o lume e deitar mais sal ou mais pimenta, na panela do cosinhado politico que, nem por isso, tal cosinhado, esturrado como está, deixará de se tornar intragavel. O proprio cheiro a louro, enjoativo como é, não o poderá beneficiar. Pelo contrario...

Mas tudo tem um fim. Todo o problema, afinal, tem uma solução, e este — o da *monarquia*ção da Republica e da inferioridade pavorosa da sua politica — ha-de ter uma, tambem.

Não sei se as pessoas que, de facto, orientam e encaminham a politica portugueza, já a focaram ou não, assestando-lhe, em cheio, a poderosa luz holofotica de seus fulgurantes cerebros.

E' provavel....

E' provavel, até, que, em suas profundas e celebradas locubrações, das cabeças sobre os travesseiros, a ferver como panelas ao lume, e, assim escandecidas, apregoadamente fecundas em ideias e pensamentos, tenham arrancado, já, essa premente solução.

E' provavel...

E é provavel, tanto mais que, fazendo-se a politica, principalmente com a cabeça, nós temos a felecidade enorme de possuir grandes, gloriosas e bem recheadas cabeças politicas, e, entre elas, uma já bem conhecida e celebre, sempre, de noite, a conceber ideias, a forjar e a expelir pensamentos, a engendrar e a delinear planos. Milagrosa cabeça! Ela é como a rocha do deserto que, sob a varinha de Moysés e na frente do povo semi-morto de sede, repuchou agua clara, saborosa

e fresca. Milagrosa cabeça! Não repucha agua, porque não é de agua que temos sede. Não age, tambem, sob a pancada e influencia da magica varinha. O seu feliz e glorioso proprietario é que, de noite — faz sempre esta coisa de noite — lhe dá uma palmada na testa e, logo, de lá, então, rebenta, em borbotões, um caudaloso repucho, não de agua como o do arabico rochedo, mas de ideias, pensamentos e maravilhosos planos que veem dessedentar a intelligencia, encalmada e sequiosa, dos nossos estadistas. Fonte sagrada e de milagre, fresca como os orvalhos da manhã, onde, actualmente, toda a nossa politica vae beber!...

E' provavel, pois, que, a estas horas, já esteja em via de solução o problema, para nós, afflictivo, de termos uma Republica sustentada e governada por monarchicos. e para mais, de extração inferior.

E' provavel...

Como quer que seja, porem, tomo a liberdade de chamar para elle a atenção de todos os verdadeiros republicanos.

A Republica tem que mudar de rumo. E não será preciso frigir em azeite ou cortar a cabeça aos velhos caciques, aos velhos regedores da Monarquia e, tambem, a varios republicanos que lhes seguem, de bôa-mente, as pisadas, iludindo e falsificando os principios. Não será preciso tanto. Bastará que a todos estes varões assinalados que, hoje, nos dão o santo e a senha, se retirem quaesquer funcções de direcção e comando. Bastará que, a todos, os coloquemos nos seus respectivos lugares...

E porque o não faremos?!

Porque não havemos de o estroçar, de varrer, de limpar o sujo arraial que é, nesta hora, toda é nossa politica?!

Porque não tentaremos, ao menos, salvar a gloriosa bandeira da Republica, hoje, nas mãos dos vendilhões que, ao nosso campo, açodados acorreram, como se viessem a umas feira, e, uma vez cá dentro, em ignobeis conluios,

secretamente concertados, planejaram e realizaram o assalto e todas as posições?!...

*

* *

Parece-me estar a ver caras estupefactas e a ouvir, já, a palavra escandalizada e agressiva de uma contestação:

«— Ora, ora! Vem o senhor, neste momento, com uma questão puramente politica! Em todo o mundo, nesta hora, somente estão na ordem do dia, as questões de character economico ou financeiro. E vem, ainda, por cima, atacar, rudemente, honrados cidadãos que á Republica, teem prestado os mais altos e valiosos serviços, somente, porque foram monarchicos!...»

— Perdão! Não é assim. Em primeiro lugar, não é verdade — e facilmente o demonstraria, se valesse a pena — que, neste momento, o problema politico não seja um problema de capital importancia, em todas as latitudes da carta geografica. Em segundo lugar, é tambem menos verdadeira a outra afirmação. Não ataco nem pretendo atacar os cidadãos honestos — e tantos eles são — que, tendo sido monarchicos e tendo aderido á Republica, leal, nobre e devotadamente a teem servido. Isso não está, nem podia estar, no meu proposito.

Mas vamos por partes:

(a Vou ripostar, fazendo uma pergunta. E com ponto de admiração.

?! Como é que se pretende separar, quer nas suas linhas geraes, quer na sua idealisação e espirito, quer na sua orientação, quer, mesmo, no seu modo de agir e de ser — estas duas coisas: politica e administração?!

Não compreendo.

Não compreendo, por exemplo, que a uma politica sã, inteligente e energica, de apertada, severa e escrupulosa moralidade em todos os seus processos e em toda a sua ação, possa coresponder uma administração ruinosa, perdularia, menos honesta, com larguezas e favores para os amigos. (1)

Não compreendo.

Más compreendo muito bem que similhante administração seja o producto, a resultante logica necessaria e fatal de uma politica sem ideal nenhum, sem inteligencia nenhuma, como a nossa politica de hoje, eleiçoeira e de compadres, movida, apenas, pelas paixões, pelas ambições, pelas intrigas e conveniencias dos seus caciques e regedores.

Compreendo muito bem.

Uma politica má gera sempre, uma péssima administração. Uma péssima administração, por sua vez, gera a desordem, o tumulto e o desfalque, ou o que lhe queiram chamar, nas contas do Estado

Ninguém contestará estas afirmações. Creio mesmo que, sem desdouro, elas poderiam entrar na categoria das luminosas verdades, proclamadas por *Monsieur de La Palisse*. São mesmo, tão evidentes, como a presdestinação politica do sr. Nunes Loureiro, pessoa estimabilissima, cheia de qualidades mas que traz, sobre os hombros, a tremenda responsabilidade—a Historia não lhe perdoará—de ter inventado muito ministro; e a responsabilidade ainda maior—esta ha de leva-lo ao caldeirão de Pêro Botelho—de trazer, sempre, no bolso, varias listas com outros tantos ministerios, já confecionados e prontos, uns de um sabôr, outros de outro; uns azues, outros amarelos, outros verdes, outros encarnados, para, segundo as circuns-

(1) Disse, muito acertadamente, o Barão «Louis», ministro das finanças de Luiz XVIII. . .

=«Dae-me uma boa politica e eu voz darei umas boas finanças».

tancias e as cores preferidas na ocasião, serem colocadas no Terreiro do Paço.

E o caso é que lá teem sido colocados!...

Mas retomando o fio:

Não terão razão os que me acusem de levantar, aqui, uma questão de character estrictamente politico, em detrimento das questões de character economico e financeiro que lhe devem sobrelevar.

Não. As questões politicas, economicas e financeiras de um mesmo paiz são questões ligadas e interdependentes. São elos — todas — da mesma inquebravel cadeia.

b) Não posso, com qualquer sombra de razão, ser igualmente acusado de atacar todos os que, tendo sido monarchicos, hoje enfileiram connosco, no campo republicano. Das palavras — de todas as palavras — com que enchi estas paginas, de nenhuma delas, se poderá extrair similhante conclusão.

Lembro me ainda do entusiasmo, da alegria, da satisfação que senti quando, o dr. Bernardino Machado, antes, e mais tarde, Braamcamp Freire e Augusto José da Cunha, figuras de altissimo relevo moral e intelectual, abandonando a Monarquia, vieram para a Republica. Feita, mesmo, esta, a todos os que, por uma exigencia de espirito, por um impulso de coração, por um generoso sentimento de patriotismo — e tantos eles foram! — a vieram servir com lealdade e com zélo, nunca regateei, nem regateio a mais alta consideração. Sinto me honrado, desvaneço-me com a sua camaradagem. E peza-me imenso, que ainda agora, não lhes tenham seguido o exemplo, muitos outros, que honram o paiz, com os brilhos da intelligencia e com as nobrezas do character. Um dia, porém, virá em que os teremos ao nosso lado.

Quando?

Quando, na realidade, os podermos dignamente receber. Quando a politica tiver deixado do ser o arraial e a inferneira

que é hoje. Depois de termos mandado fazer uma grande limpeza, em nossa casa, e, principalmente, uma conveniente e melhor arrumação dos moveis que estão, quasi todos, estranhamente fóra dos seus lugares — em baixo, os que deviam estar em cima, em cima, os que deviam estar em baixo!

Não ataco, portanto, nem pretendo atacar os honestos cidadãos — e muitos são eles — que, tendo sido monarquicos e tendo aderido á Republica, nobre, leal e devotadamente a servem.

Não.

Revolto-me, porem, só ao ter de hombraear com a gente espuria que assaltou o nosso campo, vinda de todos os pontos cardeaes, a falar uma algaravia que nem os nossos ouvidos republicanos nem o nosso republicano coração entendem; gente sem fé nem lei; gente de tráfico; gente de aluguer; gente de quem mais dá; que não ama nem sente a Republica; que só o proprio interesse move e, só esse, ela sente; que farsa e espreita os negocios — os gordos negocios — para sobre eles cair, como ave de presa, de alma lavada de escrupulos, de garras afiadas e curvas, de olhos coruscantes e ávidos; raça inferior de politiqueiros baratos, velha cacicagem da Monarquia, que, noutros tempos, viveu, medrou e engordou, limpan-do as botas aos Conselheiros e, hoje, com o mesmo ar servil, afaga a cauda, florescente de galas e policromias, dos estultos e ridiculos pavões do Olimpo; gente de somenos, mentalmente — zéro; moralmente — zéro; gente-zéro; gente zéro, em tudo, menos na felonía, na corrupção e no desenfreado apetite; gente que na escala suja das gordas e abundantes comedorias, desencantadas á sombra da Republica, abandona então a casa do zéro — em tudo o mais, seu brazão e seu estigma, — para ascender, rapidamente, ás altas casas dos numeros culminantes!...

Não! Esta gente, não!

Tenham paciencia, desculpem, mas esta gente — Não!...

Evaristo de Carvalho

Assignaturas

Um ano	26	N. ^{os}	13\$00
Seis meses	12	N. ^{os}	6\$00
Tres »	6	—	3\$00

Pagamento adiantado

Composto e impresso
TIPOGRAFIA FORMOSA
Rua do Saco, 11
LISBOA

Composto e impresso
TIPOGRAFIA FORMOSA
Rua do Seculo, 2-C, 1.º
LISBOA

Este livro custa 12 000

Taxa de 6 000

Pagamento adiantado